JORNAL
Centro de Estudos
LUIS GUEDES

Departamento de Psiquiatria e Medicina Legal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Hospital de Clínicas de Porto Alegre
Agosto de 2018
Ano 29 • Nº 82

JORNADA CELG 2018

MENTE E CORPO: DIÁLOGOS CONTEMPORÂNEOS

PHILIP ROTH
AGONIA DIANTE DO FIM OU DA FALTA DE AMOR?
PÁGS 3 A 5

IDENTIDADE DE GÊNERO
20 ANOS DO PROTIG NO HCPA
PÁGS 8 A 10

CULTURA
DETETIVE MURDOCH E LA LA LAND EM DESTAQUE
PÁGS 12 A 15

celg
Centro de Estudos Luis Guedes
www.celg.org.br
50 anos

SUMÁRIO

2 PALAVRA DA PRESIDENTE
3 LIVRO
6 TECNOLOGIA E SAÚDE MENTAL
8 PROTIG 20 ANOS
10 FORMAÇÃO CONTINUADA
12 SÉRIE DE TV
14 CINEMA
16 ENTREVISTA

EXPEDIENTE

JORNAL DO CENTRO
DE ESTUDOS LUIS GUEDES
Cursos de Extensão e Especialização
em Psiquiatria e Psicoterapia
Hospital de Clínicas de Porto Alegre.
Rua Ramiro Barcelos, 2350 –
2º andar - Sala 2218.
CEP: 90035-903. Porto Alegre - RS.
Telefones: 3330.5655 / 3359.8416 / 3388.8165.
Site: www.celg.org.br.

DIRETORIA
Presidente: Simone Hauck
shauck@hcpa.edu.br
Diretor Financeiro: Lucas Lovato
llovato@hcpa.edu.br
Diretor Administrativo: Félix Paim Kessler
fkessler@hcpa.edu.br
Diretora Científica: Patricia F. Lago
patflago@gmail.com
Diretora de Divulgação e Relações com a
Comunidade: Clarice Kowacs
ckowacs@icloud.com
Diretora de Publicações: Stefania Pigatto
stepigatto@gmail.com
Diretor de Ensino: Ives Cavalcante
ipassos@hcpa.edu.br

ADMINISTRAÇÃO
Assistente de Coordenação Administrativa:
Patricia Lopes Azambuja
(plazambuja@hcpa.edu.br);
Bibliotecária: Maria Luiza Farias de Campos
(mcampos@hcpa.edu.br);
Auxiliar Administrativa: Cátia Silva
(crsilva@hcpa.edu.br).

JORNAL - jornal@celg.org.br
Editoras do Jornal: Candice Campos, Betina
Kruter, Aline Rodrigues Wageck e Gabriela Favalli
Revisão: Ellen Garber
Jornalista Responsável: Vera Nunes (MTb 6198)
Diagramação e projeto gráfico: Design de Maria
(www.designdemaria.com.br)

RUMO À **JORNADA 2018**

O primeiro semestre de 2018 foi intenso. Os cursos propostos pelos nossos sócios, selecionados no projeto sócio-professor, movimentaram diversas noites e finais de semana, qualificando associados e alunos externos. Além dos tradicionais cursos de formação em Psicoterapia Psicanalítica e Terapia Cognitivo Comportamental, foram desenvolvidos temas como o processo criativo e a vida emocional, *mindfulness* - psicoterapias e estresse, a função continente para promoção da saúde mental nos primeiros anos de vida e a observação de bebês.

Em colaboração com o Departamento de Psiquiatria da UFRGS, promovemos a vinda do Prof. Robert Stuart, que ministrou curso presencial em Psicoterapia Interpessoal, o primeiro com certificação internacional do CELG. Em parceria com a PUC e o NUPE/APRS, foi promovida a vinda do Prof. Robert Cloninger a Porto Alegre, realizando atividades junto ao HCPA e um *workshop* sobre temperamento e caráter. Através de *live streaming*, associados do CELG participaram, em nossa sede, de um curso sobre mentalização, ministrado ao vivo pelo Prof. Fonagy e colaboradores, no instituto Anna Freud em Londres. Mais cursos nos aguardam no segundo semestre deste ano. Fiquem atentos!

Enquanto isso, diretoria e comissão científica da Jornada CELG 2018 trabalharam incansavelmente para que tenhamos um evento de muita qualidade científica e integração. Diversos convidados locais, nacionais e internacionais de renome, estarão presentes; e, a partir da riqueza e consistência de nossa tradição, novas perspectivas estarão presentes nas conferências, mesas e discussões, permitindo que os participantes aprimorem o seu conhecimento em tempos de realidade virtual e busca de sentido.

No evento de lançamento da Jornada CELG, realizado no Estúdio Áudio Porto, nosso sócio Raul Hartke foi brilhante ao falar sobre a evolução da música popular brasileira a partir de uma escuta Psicanalítica. Foi uma manhã de sábado inesquecível, em que a experiência sonora e audiovisual proporcionada pelos parceiros Imersiva e Audio Porto, apoiadores do evento, o coquetel diferenciado, delicioso e saudável da Bendita Horta, e a cenografia sob medida deram o toque final. Esperamos que essa seja também a experiência dos participantes da Jornada CELG 2018. Temos grandes expectativas: vagas esgotadas com 700 inscrições confirmadas mais de um mês antes do evento, hotel lotado, participação recorde nos cursos e seis simpósios concomitantes à Jornada Sul-Rio-Grandense de Psiquiatria Dinâmica, além da Jornada Kids. A comissão organizadora está dedicada a proporcionar um evento que seja integrador, não apenas de referências, mas de experiências. Saúde mental é "tudo": a urbanização do espaço onde estamos, o que ouvimos, comemos, assistimos e trocamos.

Esperamos que o próximo semestre seja rico e produtivo como o primeiro.

Contamos com a colaboração, participação e alegria de todos!

SIMONE HAUCK, MD, MSC, PHD.
Professora do Departamento de Psiquiatria e Medicina Legal - FAMED/UFRGS. Preceptora do Programa de Residência em Psiquiatria do HCPA. Professora do Programa de Pós-graduação em Psiquiatria e Ciências do Comportamento da UFRGS. Presidente do Centro de Estudos Luis Guedes (CELG)

AFINAL, AGONIA DIANTE DO FIM **OU DA FALTA DE AMOR?**

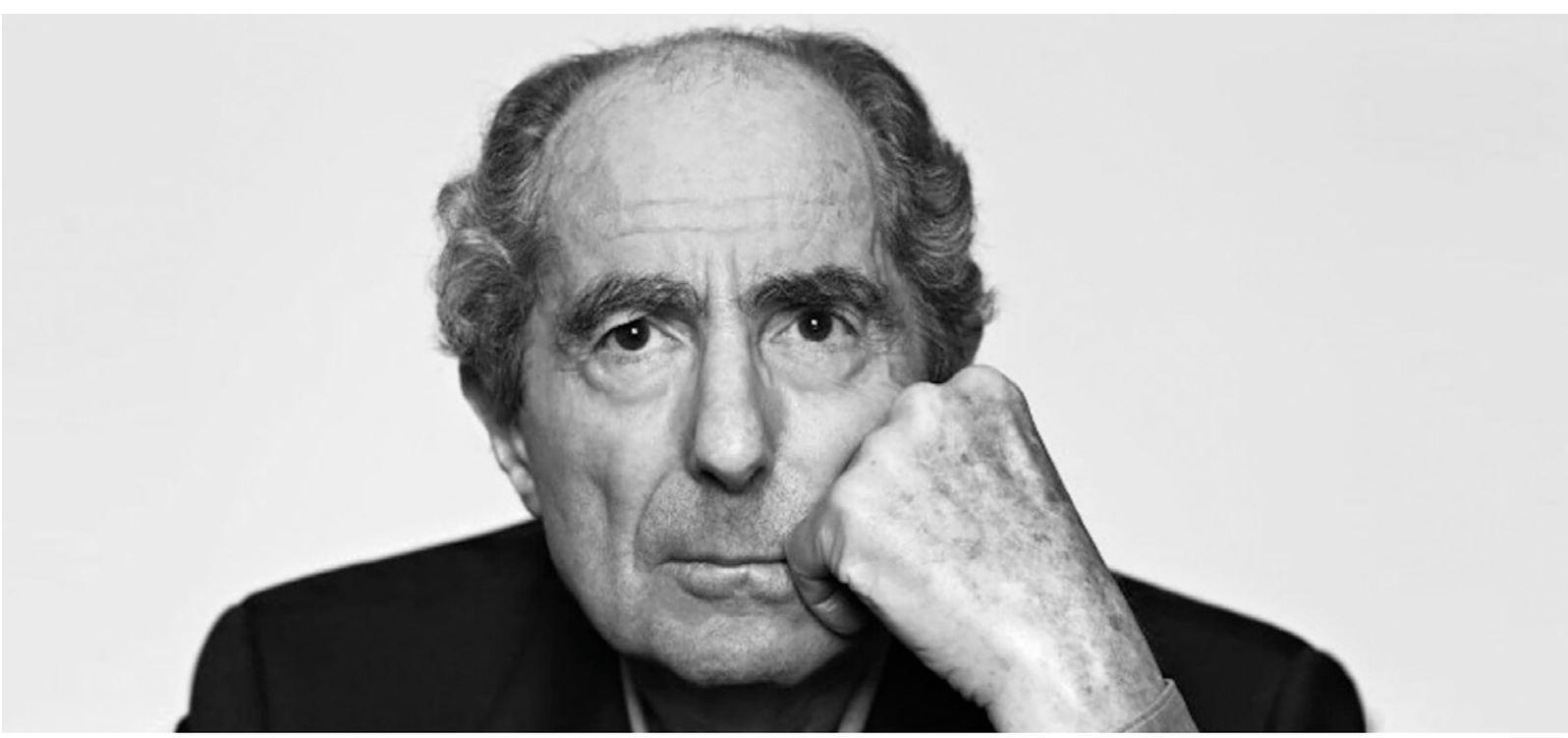
Quando recebi o convite para comentar um livro a meu critério, imediatamente me ocorreu *O animal agonizante* do norte-americano Philip Roth.

Por que Roth? A primeira vez que o li fiquei completamente absorvida pela complexidade que se constitui o contato mais íntimo com seus personagens. Impactou-me a sua capacidade de comunicar aspectos tão ácidos e densos do universo humano, capacidade essa coroada com prêmios literários importantes, entre eles o Pulitzer, em 1997, por *Pastoral americana*. Logo percebi que o que realmente me captou no transcorrer da leitura de *O animal agonizante* haviam sido a ambivalência despertada a cada nova linha, personagens complexos, cenários tão contraditórios e encantadores.

Afinal, não somos nós compostos por esta mesma tinta? Contradições e inquietações as quais clamam por respostas?

Enquanto escrevia este texto, deparei-me com a notícia da morte de Roth aos 85 anos. Reforçou a minha vontade de colocar no papel algumas reflexões as quais me foram ocorrendo. Sem a pretensão de oferecer um posicionamento acerca deste escritor, polêmico e incrível na mesma medida, mas sim de compartilhar ideias, estimuladas pela citação de Cortázar em *Salvo el crepúsculo*, "farrapos de sonhos pedindo escrita" (p.22).

Em *O animal agonizante* nos é reapresentado David Kepesh, personagem já anunciado em obras anteriores – *O seio* e *O professor de desejo.* Trata-se de um sexagenário que comanda um programa de televisão nova-iorquino e, também, ministra um curso anual sobre crítica, período durante o qual cultiva a regra de não se envolver com nenhuma aluna. Invariavelmente, após o fim da atividade e emitidas as notas do exame, David oferece uma festa em seu apartamento aos seus alunos, algo a que ele se refere como um "truque", ainda que destaque ser este "honesto, às claras, lícito" (p.13). O objetivo desse dito truque torna-se bastante evidente, ter relações sexuais com alguma dessas alunas que, talvez, movidas pela curiosidade a respeito de como seria transar com um homem da idade de Kepesh, como ele mesmo observa, acabam se interessando pela proposta. Dessa maneira, vai sendo anunciado o apetite sexual voraz do protagonista, que em um momento subsequente entende parte de sua própria



construção identitária como um produto dos anos 60 e da liberdade sexual preconizada em tal época. David faz determinadas escolhas, como o abandono de seu casamento e do fruto deste, seu filho, que não aceitava as aventuras sexuais de cunho predatório do pai. A voracidade sexual de David se apresenta como o triunfo sobre um objeto não confiável, constituindo-se pela posse sexual deste e temeroso quanto à dependência. Esse fluxo sexual adquire um novo rumo quando ele conhece Consuela Castillo, uma jovem de 24 anos, descendente de uma rica família cubana. Este "mulherão grande", como David a ela se refere, torna-se seu objeto de desejo, através dos "seios mais magníficos" e dos pêlos pubianos "lisos, estendidos, e parcos" como são descritos. Uma verdadeira obsessão sexual a ser perseguida.

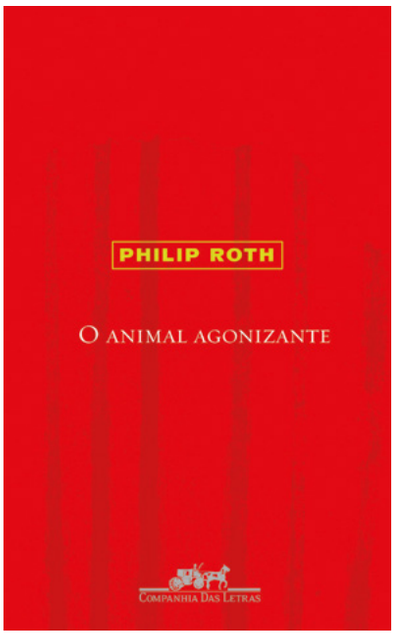
Diante de um externo belo e de um interior enigmático – remetendo à noção de "conflito estético" de Donald Meltzer -, observa-se a dialética entre o desejo da posse *versus* a manutenção de um objeto livre. Parece predominar no funcionamento do protagonista a sede de violar este externo tão atraente. Contém-se diante da inacessibilidade de um espaço de mistério que o interior do corpo de Consuela guarda, espaço este imaginado, mas jamais possuído. Em um trecho visceral da narrativa, David percebe-se humano e profundamente enciumado ao saber que sua amante havia tido uma relação com um rapaz aos 16 anos, e que este entrou em contato com algo da intimidade de Consuela, sua menstruação. Assistia à moça sangrar como quem observa uma obra da qual os olhos não podem desviar, absortos. Kepesh manifestou que também queria visualizar esse conteúdo, ordenando que ela telefonasse quando novamente menstruasse. Embora diante de um impulso epistemofílico, em que se deseja concretamente acessar o interior, o que parece nortear esse desejo é a competição estabelecida pelo espaço anteriormente ocupado por um homem que não ele. Um ciúme devastador de um corpo e de seus produtos não exclusivamente seus.

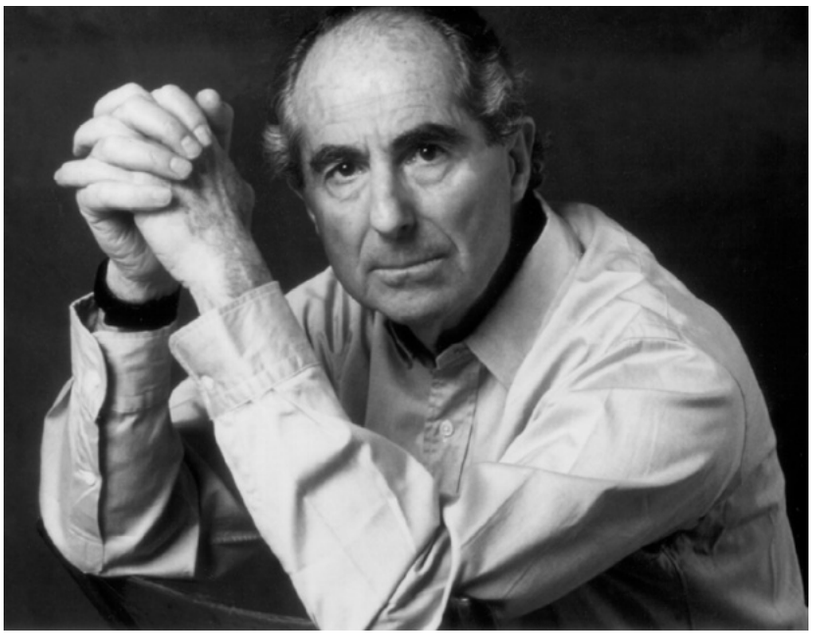
Acerca das personagens femininas de Roth, Julia Keller, ao escrever ao Chicago Tribune em 2006, sublinha que "Elas são incompletas. Vêm com duas pernas, dois braços, dois seios e nenhuma alma". Mas temos Consuela, uma mulher vibrante e cheia de alma.

"Sexo não é só atrito e diversão superficial. É também a maneira como nos vingamos da morte. Não se esqueça da morte. Não se esqueça da morte jamais." (p.62). Nesse posicionamento o protagonista transmite a ideia do que afinal a descarga através do sexo parece defendê-lo: de precisar vislumbrar o fim. Assim, a morte e o doloroso contato com ela ficam aparentemente abrandados. Aparentemente. Em determinado momento, David vê Consuela com seus apenas 32 anos de desejos muitos e de vida transbordante, lidando com todos os fantasmas referentes ao seu então diagnosticado câncer - a mutilação causada pela perda do seio, a vaidade, o feminino, seus desejos e paixões ameaçados em decorrência disso. Eles dialogam e David pontua: "Eu vi, externalizado, o terror que seu corpo estava sentindo." Pergunta, então: "O que foi? Consuela, o que é que posso fazer por você? Me diz que eu faço. O que é que está torturando tanto você?" (p.125). Parece-me um momento especial em que ela, por intermédio de seu corpo, manifesta uma dor profunda que então ecoa em David, percebendo-se este mobilizado a conter e a sanar o desespero emocional de Consuela. Esse movimento do protagonista ilustra uma nova maneira

"CONSOME MEU CORAÇÃO; FEBRIL DE DESEJO E ACORRENTADO A UM ANIMAL AGONIZANTE JÁ NÃO SABE O QUE É"

TRECHO QUE DÁ NOME AO LIVRO O ANIMAL AGONIZANTE, EXTRAÍDO DO POEMA NAVEGANDO PARA BIZÂNCIO (1927) DE WILLIAM YEATS





de pensar, ou melhor, de sentir. Sentir a partir do outro. Em outro momento desta natureza, ele afirma ter que ir encontrá-la, pois "ela está em pânico" (p.127). O que se tem é um diálogo intimista entre eles, permeado por temores e fantasias sobre a cirurgia a que Consuela será submetida. Ela percebe-se assustada e Kepesh, por sua vez, novamente urgente em poder conter aquela dor, salvar aquela jovem mulher desamparada de seu desespero, preocupando-se em alimentá-la e acompanhá-la. Não mais se trata de um seio, tampouco de pêlos pubianos - apenas, mas de uma mulher que adquiriu muito mais do que contornos, recheios opulentos capazes de fazer sombra à solidão e à rigidez egocêntrica de David.

No final da narrativa, David então conversa com uma mulher, comunicando-lhe que precisa correr e ir encontrar Consuela. Recebe uma negativa e um alerta: "Pensa bem. Pensa. Porque se você for, pra você é o fim" (p.127).

Mas, afinal, fim do quê? Fica em aberto tal questão para que, em cada um dos leitores, possam brotar diferentes respostas. Fico pensando que junto àquela bela Consuela, no auge de seus trinta e dois anos e tanto mais, seria o fim de um aspecto temido e afugentado por David durante sua vida: o vínculo. Um vínculo que traduz a agonia de morte. Um espaço de ligação, criativo, solidário, amoroso. Um espaço em que as bordas do eu fragilmente constituídas passam a ser preenchidas por conteúdos que, efetivamente, ocupam e satisfazem. Um alimento com tal sabor e aroma capaz de figurar e invadir sentidos, despertando emoções adormecidas – ou quem sabe até mesmo permitir o acesso àquelas supostamente desconhecidas? O fim de algo ainda mais assustador que a morte, para a qual David se mostra evitativo quando com ela se defronta; o fim de um animal que agonizou e agora se percebe aprisionado (ou liberto?) por um sentimento de conexão que passou a significar por intermédio de outra dimensão: aquela por meio do olhar e da necessidade do outro, em que este não mais é sentido como um ameaça.

E depois deste pensar alto referente à minha leitura, uma dentre tantos outros vértices possíveis de abordar a partir deste livro, chego a uma conclusão. Independente se identificados com a eroticidade feroz de Kepesh, se movidos pela compaixão relacionada à ideia da finitude ou se envoltos por Consuela, suas vicissitudes e seus encantos, uma coisa parece certa: não se passa por Roth/Kepesh sem sentir - agonizando ou não.

ALINE RODRIGUES WAGECK
Psiquiatra (HCPA). Psicoterapeuta de Orientação Analítica (CELG). Doutora pelo PPG em Psiquiatria e Ciências do Comportamento (UFRGS). Membro Aspirante da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

SE NÃO ME FALHA A MEMÓRIA...

... já faz mais de uma década que escrevi pro Jornal do CELG um primeiro texto sobre dependência de jogos eletrônicos. Eu tinha recém terminado a especialização em psiquiatria da infância e adolescência, e comecei a ficar muito curioso pra entender a preocupação crescente com o tempo que os filhos passavam jogando videogame, por parte dos pais das crianças e adolescentes com doenças muito graves e incapacitantes que atendíamos no ambulatório do HCPA. Passei a conversar mais sobre isso com os pacientes, a observar melhor como jogavam alguns amigos mais próximos e a tentar estudar o pouco que existia na literatura científica sobre o tema. Mas, o que mais ajudou na aproximação desse fenômeno, foi estar junto e discutir com outros colegas que compartilhavam o mesmo interesse e curiosidade sobre o que estava acontecendo (já que eu nunca fui de jogar muito videogame, principalmente porque, quando mais novo, na maioria das vezes acabava perdendo pro meu irmão menor, o que não era muito fácil de lidar naquela época).

Bom, de lá pra cá, os jogos eletrônicos passaram a fazer ainda mais parte da vida das crianças, adolescentes e adultos, sendo hoje uma das principais atividades de lazer em todas essas faixas etárias. A indústria dos games cresceu muito nesse período, se tornando a mais rentável indústria de entretenimento no mundo. O avanço da tecnologia permitiu, entre outras coisas, que as pessoas joguem em tempo real com centenas e até milhares de outros jogadores, não importando mais onde cada um mora. A mecânica e a narrativa dos jogos evoluíram incrivelmente, de modo a proporcionar que a maioria dos jogadores sigam motivados a continuar conectados mesmo depois de muitas horas de jogo, algo que era incomum na minha época de Telejogo e Atari.

Hoje em dia as pessoas não mais estranham quando os pais se preocupam com o número de horas que os filhos jogam online com os amigos. Os terapeutas têm recebido cada vez mais casos em que o uso intenso dos jogos é o motivo principal da busca de atendimento. E também, feliz ou infelizmente, não é mais tão difícil estudar esse tema através de artigos científicos de qualidade. Em decorrência da quantidade e da qualidade das evidências disponíveis na literatura científica, assim como da observação clínica em nível mundial dos prejuízos causados pela intensidade desse fenômeno, a Associação Americana de Psiquiatria incluiu no DSM-5 uma proposta de critérios diagnósticos para o Transtorno do Jogo pela Internet como "condição que merece mais estudos", e a Organização Mundial de Saúde acaba de incluir oficialmente o *Gaming Disorder* (ainda sem tradução oficial para o português) na 11ª edição da Classificação Internacional de Doenças.

CONFIRA AS ATIVIDADES DO SIMPÓSIO DE TECNOLOGIA E SAÚDE MENTAL:

VÍDEO + DEBATE

***Gaming disorder* – Importância e evolução de um novo diagnóstico**

- Vídeo – John Saunders (Austrália)
- Debatedores: Daniel Spritzer e Felix Kessler

MESA-REDONDA

Apareço, logo existo: histeria e narcisismo nas redes sociais

- Aline Restano, Mario Barcellos, Luciano Isolan, Caroline Buzzatti

CONFERÊNCIA

Procedimentos imersivos: os encantos das narrativas dos games

- Conferencista: Daniel Galera

O desenvolvimento dessas propostas classificatórias têm uma importância inquestionável no estímulo à pesquisa nesta área, mas como parte da evolução de qualquer campo da ciência, também é sujeito a críticas. A proposta do DSM-5 tem como principal ponto negativo o fato de adaptar de modo bastante simplista os critérios do Transtorno do Jogo (antigo Jogo Patológico) e dos transtornos por uso de substâncias para a avaliação do uso problemático de jogos eletrônicos, sem levar em consideração as diferenças dos fenômenos. Além disso, considerando que o indivíduo deve preencher cinco dos nove critérios para o diagnóstico, é possível que dentre eles não esteja o critério que avalia o prejuízo decorrente desse comportamento. E sabemos o quanto é questionável um diagnóstico que não considere o prejuízo significativo ou sofrimento para o indivíduo. A proposta da CID-11, mais recente, já apresenta como obrigatória a presença de prejuízo significativo, e mantém em seu texto apenas os critérios sobre os quais se dispõe de maiores evidências científicas, deixando de lado até mesmo itens classicamente associados às demais dependências, como tolerância e abstinência.

Estudar a relação das pessoas com os jogos eletrônicos, tanto em nível mais saudável quanto mais problemático, vai muito além dos sistemas classificatórios.

DANIEL TORNAIM SPRITZER

Médico psiquiatra. Psiquiatra da Infância e adolescência. Diretor de Tecnologia do Centro de Estudos Luis Guedes (CELG) Coordenador do Grupo de Estudos sobre Adições Tecnológicas (GEAT). Membro do Board da International Society for the Study of Behavioral Addictions (ISSBA)

Principalmente nos dias de hoje, isso implica estar sempre de olho no contemporâneo, no novo, nas últimas pesquisas, sem deixar de lado o clássico, o conhecido, os aspectos inconscientes, as invariâncias da história e do desenvolvimento humano. Por se tratar de um fenômeno heterogêneo e complexo, é necessário também buscar uma compreensão que tenha como referencial diferentes áreas do conhecimento. Esse sempre foi um dos principais desafios e interesses do Grupo de Estudos sobre Adições Tecnológicas (GEAT), que em uma bela parceria com o CELG, está organizando o **Simpósio de Tecnologia e Saúde Mental** que vai ocorrer na **Jornada CELG 2018**. Esperamos discutir a nossa relação com essas novas tecnologias de modo atualizado e baseado em evidências, o que fica ainda mais produtivo se integrado aos aspectos culturais e sociais desse fenômeno.

CONFERÊNCIA

A construção do cérebro dependente: uma análise da mídia brasileira e da literatura científica sobre adição a tecnologias

- Conferencista: Olavo Amaral

ATIVIDADE ESPECIAL DE ENCERRAMENTO DA JORNADA CELG 2018

WTF: Sexualidade Online

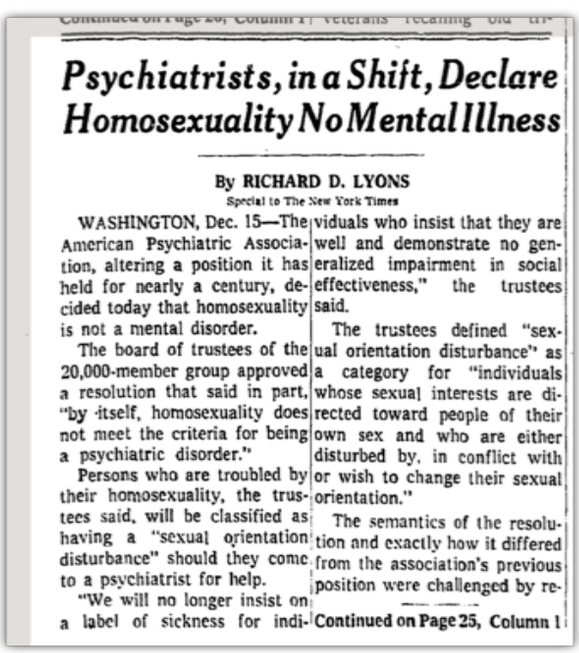
- Ana Sfogia, Betina Kruter, Cláudio Eizirik, Maria da Graça Motta, Rafael Karam, Rafael Mondrzak

PROTIG: PROGRAMA DE IDENTIDADE DE GÊNERO **HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE. 20 ANOS**

Em 28 de junho de 1969, teve início um processo histórico de luta pelos direitos civis da população gay com um "soco" na hipocrisia social vigente. Na Boite Stone Wall Inn em New York, por volta da meia noite, policiais invadiram o local, como era hábito, para prender, humilhar, reprimir, ofender, etc. a população de frequentadores, basicamente membros da comunidade LGBT. Porém, naquela noite os frequentadores, contrariando a atitude usual, rebelaram-se e teve início um crescente e incomum confronto entre cidadãos e agentes policiais, desencadeando movimento histórico de proporções mundiais, marcado pela busca de dignidade e respeito, além de igualdade de direitos, redução do estigma e naturalização da homossexualidade. Hoje a data é comemorada como o Dia Internacional do Orgulho Gay.

Na esteira desses eventos, não sem polêmica, a Associação Psiquiátrica Americana decidiu retirar a homossexualidade do rol de diagnósticos da segunda edição do Manual of Mental Disorders (DSM). Ainda em 1973, provocado por um movimento dos psicanalistas, a decisão foi questionada e posteriormente confirmada mediante votação majoritária (58%).

Dr. H. Anonymous (John Fryer, MD) APA M Dr. H. Anonymous (John Fryer, MD) meeting – 1972



Psychiatrists, in a Shift, Declare Homosexuality No Mental Illness

By RICHARD D. LYONS
Special to The New York Times

WASHINGTON, Dec. 15—The American Psychiatric Association, altering a position it has held for nearly a century, decided today that homosexuality is not a mental disorder.

The board of trustees of the 20,000-member group approved a resolution that said in part, "by itself, homosexuality does not meet the criteria for being a psychiatric disorder."

Persons who are troubled by their homosexuality, the trustees said, will be classified as having a "sexual orientation disturbance" should they come to a psychiatrist for help.

"We will no longer insist on a label of sickness for individuals who insist that they are well and demonstrate no generalized impairment in social effectiveness," the trustees said.

The trustees defined "sexual orientation disturbance" as a category for "individuals whose sexual interests are directed toward people of their own sex and who are either disturbed by, in conflict with or wish to change their sexual orientation."

The semantics of the resolution and exactly how it differed from the association's previous position were challenged by re-

Continued on Page 25, Column 1

Apesar desse significativo avanço, somente em 1992 a Organização Mundial de Saúde "despatologizou" a homossexualidade. Já a Associação Psicanalítica Internacional (IPA) segue sem posicionamento claro deliberadamente, já que a homossexualidade em alguns países segue ilegal.

Nos últimos anos, em busca de igualdade de direitos, a população dos indivíduos transexuais tem proposto a mesma "desrotulação" das expressões de gênero variantes pelas organizações envolvidas nas classificações diagnósticas, partindo do princípio de que é estigmatizante a simples inclusão no grupo dos transtornos mentais, ou mesmo de qualquer classificação diagnóstica. Importante salientar que a história dos diagnósticos da orientação sexual não é o mesmo da transexualidade. Enquanto o diagnóstico da homossexualidade visava à correção daquilo que era considerado um desvio, o diagnóstico da transexualidade

(quando foi entendida como um fenômeno distinto da homossexualidade) visava a garantia do acesso a procedimentos médicos para a mudança das características sexuais primárias e secundárias.

A história da transexualidade perpassa um longo processo envolvendo polêmica, preconceito, desconhecimento, violência e injustiças. No Brasil, o questionamento acerca da transexualidade pelo ponto de vista médico tornou-se público a partir do processo criminal desencadeado pela realização de cirurgias de redesignação sexual "sem suposta autorização" ou regulamentação. Em 1971, o Dr. Roberto Farina, professor de Cirurgia Plástica da Escola Paulista de Medicina, realizou a primeira cirurgia de redesignação sexual em Waldir(ene) Nogueira. Ambos sofreram diversos constrangimentos: o médico foi submetido a prolongado processo criminal, que se arrastou até 1979, causando imenso desgaste pessoal, apesar da final absolvição; e Waldirene foi retirada de casa por "autoridades" para suposta identificação e submetida a exames humilhantes no Instituto Médico Legal de São Paulo, sendo desnudada e fotografada, tendo seu canal vaginal medido com fita métrica.

"Monstro, prostituta, bichinha': como a Justiça condenou a primeira cirurgia de mudança de sexo do Brasil e sentenciou médico à prisão

Amanda Rossi, da BBC Brasil em São Paulo – 28 março 2018 *–"Waldirene estava constrangida e acuada. Na noite anterior, dois homens haviam entrado na escola onde ela estudava inglês, no interior de São Paulo, para levá-la coercitivamente para o Instituto Médico Legal da capital, a mais de 400 quilômetros. Ao chegar lá, foi obrigada a se despir, mantendo apenas as sandálias de salto plataforma baixo. Era 1976, em plena ditadura militar; o diretor do IML, Harry Shibata, seria posteriormente considerado conivente com a repressão. Nua, Waldirene passou a ser fotografada. Primeiro de frente. A jovem loira, de 30 anos, 1,72 metros de altura, olhava para o chão, evitando o homem por trás das câmeras. Seus lábios estavam cerrados. Os braços, colados ao lado do corpo, enquanto as pernas apertavam-se uma contra a outra, em uma tentativa de se proteger da exposição. Pediram a ela que se virasse de um lado, de outro e depois se sentasse. Em cada posição, uma nova foto. Waldirene foi ainda submetida a um exame ginecológico. Um espéculo de metal foi introduzido em seu corpo e, dentro dele, uma fita métrica. A cena foi fotografada para registrar o comprimento e a largura do canal vaginal. A jovem, que trabalhava como manicure no interior, havia pedido um habeas corpus preventivo para não ser submetida a tudo isso. Mas a Justiça paulista negou. O objetivo do IML era extremamente peculiar: verificar se Waldirene era mulher. O nome que constava em sua ficha era outro, Waldir Nogueira.*

Finalmente em 1997, o Conselho Federal de Medicina regulamentou o atendimento médico através da resolução 1482/97, que definiu parâmetros mínimos de assistência: "Autorizar a título experimental a realização de cirurgia de transgenitalização em indivíduos com diagnóstico de transexualismo (CID-X-OMS), acompanhamento por no mínimo dois anos por uma equipe multidisciplinar (psiquiatra, cirurgião, psicólogo e assistente social)". Outras duas resoluções foram posteriormente publicadas (1.952/02 e 1.955/10), alterando alguns parâmetros.

Em 1998, liderado pelo Prof. Walter Koff da Urologia (FAMED-UFRGS) e estimulado pelo Prof. Sidnei Schestatsky (FAMED-UFRGS) da Psiquiatria, iniciou-se no Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA) o Programa de Atendimento de Transtorno de Identidade de Gênero (PROTIG), rebatizado mais tarde de Programa Transdisciplinar de Identidade de Gênero, direcionado às pessoas transexuais que tivessem indicação para realizar a cirurgia de transgenitalização. Instalado o serviço, pacientes foram chegando dia a dia, e assim fomos nos estruturando, com uma equipe formada por Esalba Silveira, assistente social, Jaqueline Salvador, na época ainda estagiária de Psicologia, Dr. José Roberto Goldim (Bioética) e Dr. Alexandre Henriques, acadêmico de Medicina na época. Assim, fomos estudando, atendendo, acumulando conhecimentos teóricos e empíricos, e buscando espaços de realização em nossa instituição e junto à sociedade. No ano 2000, quando estávamos encaminhando o primeiro paciente para cirurgia, fomos surpreendidos pelo total desconhecimento da burocracia do Sistema de Saúde. O SUS não tinha previsão de procedimentos para o diagnóstico da transexualidade. Um grande desamparo nos abateu, pacientes e equipe. O que faríamos? A frustração era enorme! Mas, na verdade, uma etapa importante no processo do atendimento da transexualidade no Brasil estava se iniciando. Nossos pacientes procuraram o Ministério Público Federal, representado pelas pessoas dos Doutores Luis Carlos Weber e Paulo Cogo Leivas, os quais demonstraram muita sensibilidade, acolhendo de imediato a demanda e desencadeando ação civil pública, que se estendeu até 2013, quando finalmente foi determinada a regulamentação da assistência pública aos indivíduos transexuais através da Portaria

do Ministério da Saúde nº 2.803/2013. Até esta data, desde 2000, quando teve início o atendimento cirúrgico aos pacientes, os custos envolvidos nos procedimentos foram financiados pela Secretaria da Saúde do Rio Grande do Sul através de um convênio estabelecido com o Hospital de Clínicas. Nesse ínterim, a não obtenção de medida liminar na ação civil pública havia deixado os pacientes sem perspectivas, tendo havido uma "redentora" sensibilidade do Governo do Estado.

Atualmente, o PROTIG é um centro de referência brasileiro e latino-americano, tanto em assistência como em pesquisa; é um núcleo de treinamento de profissionais, local de estágio da residência médica em Psiquiatria do HCPA e dos alunos do Pós-graduação PPG da Psiquiatria e Ciências do Comportamento – FAMED/UFRGS – oito alunos de iniciação científica, cinco alunos de mestrado e cinco alunos de doutorado, com 658 citações em 58 trabalhos indexados no SCOPUS (índice H = 17), 21 projetos de pesquisa, 31 artigos publicados, parcerias nacionais e internacionais, assessoria para profissionais de saúde tanto no estado quanto em nível nacional, além de participação em seminários acadêmicos e na mídia. Na assistência, já avaliamos mais de 82O pacientes e realizamos 270 cirurgias de redesignação sexual.

Nestes vinte anos de existência, muito foi feito, mas ainda muito tem de ser feito. Apesar de todos os avanços culturais, facilmente perceptíveis pela inserção da temática nos meios de comunicação, as barreiras sociais ainda seguem presentes, causando muito sofrimento aos indivíduos transexuais. Por outro lado, viu-se nascer um ativismo político autoafirmativo e questionador do papel dos profissionais de saúde mental no processo diagnóstico e terapêutico, os quais passaram a receber críticas de ambos os lados dessa polêmica social. E as limitações do conhecimento científico sobre as variantes dos comportamentos humanos tem-nos desafiado a ir mais a fundo nas problemáticas questões de gênero e sexualidade, focando no melhor atendimento possível a todos.

MARIA INÊS R. LOBATO

Psiquiatra - Serviço de Psiquiatria do HCPA. Prof da PPG em Psiquiatria e Ciências do Comportamento - UFRGS
Coordenadora do Programa de Identidade de Gênero (PROTIG) HCPA
cv: http://lattes.cnpq.br/1192071158151545

CRUZANDO FRONTEIRAS

Doze pessoas do Grupo de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Psiquiatria (PPG) da UFRGS e sócios do CELG visitaram o centro de pesquisa do Prof. C. Robert Cloninger em St. Louis e participaram ativamente do Programa Internacional de Treinamento em Pesquisa da Sociedade Psicanalítica Internacional (IPA) e da Sandler Conference em Los Angeles em maio desse ano. Deixamos aqui um breve relato dessa aventura.

Na visita a St. Louis a convite do Prof. Cloninger, tivemos a oportunidade de discutir as ideias do nosso grupo na Washington University, conhecer o centro de saúde e bem-estar Palm, que coloca em prática ideias originadas de 30 anos de pesquisas do Prof. Cloninger, e a Anthropedia Foundation, instituição sem fins lucrativos, que possui várias iniciativas, dentre elas um grande projeto voltado a moradores de rua, que oferece a essa população as mesmas iniciativas e opções de tratamento do Palm Center. Nosso grupo foi recebido com toda atenção; e, entre as atividades acadêmicas, foi colocada em prática a ideia da importância de uma visão voltada ao bem-estar, com visitas ao Jardim Botânico, a uma exposição de artes, à reconhecida sinfônica da cidade, além de idas a deliciosos restaurantes típicos. Em muitas ocasiões, tivemos a oportunidade de discutir o por vezes polêmico conceito da autotranscendência, e gravamos uma entrevista sobre o tema com o Prof. Cloninger e seu filho Kevin, que será exibida e debatida na Jornada do CELG – vale a pena!

O treinamento em Los Angeles com a IPA foi uma experiência ímpar, como pode-se perceber pelos relatos dos alunos do PPG que acompanharam o grupo. Ser Speaker na Sandler Conference, que é o encontro anual internacional de pesquisa da IPA, gerou "certa" ansiedade, mas deu tudo mais do que certo. E estar entre Speakers como Mark Solms e Antônio Damásio foi sem dúvida um privilégio. Aprendi por lá que nosso grupo tem sim muito potencial, e saímos orgulhosos pelo grupo brasileiro ter sido escolhido como o destaque do evento desse ano. Obrigado aos que estiveram comigo nessas aventuras, e é um prazer ter o relato de alguns deles junto ao meu!

Simone Hauck – coordenadora do Grupo de Pesquisa em Psicanálise e Psicoterapias (GPPP) do PPG/UFRGS e presidente do CELG

Participar do Research Training Program da IPA em Los Angeles, no início de maio último, superou todas as expectativas. Fomos calorosamente recebidos por um grupo de sete experientes pesquisadores em Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica, entre os quais Mark Solms e Marianne Boehleber, com os quais trabalhamos intensamente durante quatro dias. Eram sete professores e treze alunos, oriundos todos de diversos países. Cabe mencionar que, desses treze alunos, sete eram integrantes do grupo de pesquisa em Psicoterapia do PPG/UFRGS! Durante esse período, cada pesquisador em treinamento teve oportunidade de discutir seu projeto de pesquisa, primeiro em um pequeno grupo, para depois apresentá-lo para todos, professores e demais alunos. Assim, cada projeto foi discutido pelo menos duas vezes. As apresentações dos alunos alternavam-se com palestras dos professores, que falaram de suas trajetórias de vida, linhas de pesquisa, resultados, projetos e desafios. Foi, portanto, uma oportunidade ímpar de trabalhar de forma próxima e continuada com pesquisadores inspirados e inspiradores, entusiasmados com as perspectivas da pesquisa em Psicanálise e com o desenvolvimento dessa área do conhecimento.

Patrícia Lago – Diretora Científica do CELG, participante do GPPP

"Experiências de trocas acadêmicas normalmente nos remetem a um modelo já conhecido. A visita ao Dr. Robert Cloninger, da Washington University, foi diferente de qualquer esquema vivenciado anteriormente. Muito além da construção científica in loco, houve a possibilidade de entender, trocar e experienciar a importância da pessoa na construção do saber científico! Enriquecimento pessoal e científico caminhando juntos!"

Lucia Terra – sócia do CELG e integrante do GPPP

O 22º Programa Anual de Treinamento em Pesquisa da IPA foi extremamente enriquecedor, pois permitiu a troca de experiências entre psicanalistas pesquisadores, que também atuam na docência, com alunos interessados em aprimorar seus conhecimentos em Psicanálise. A interação ocorreu com a apresentação de 13 *fellows* de todo mundo (alunos de pesquisa, sendo seis do nosso grupo), sete apresentações de professores experientes, e sete horas de consultoria individual. Foi muito prazeroso validar nosso método de pesquisa e conhecer colegas em diferentes estágios de formação, que compartilham as mesmas ideias sobre a Psicanálise atual.

Stefania Teche – diretora de publicação do CELG, aluna de doutorado do PPG/UFRGS

O treinamento da IPA em LA foi uma grata surpresa e revelou-se uma valiosa oportunidade. Aprendi muito com as trocas próximas com professores experientes em pesquisa e Psicanálise, e com colegas de múltiplas origens. Tive contato com pioneiros de muitas áreas, como o Bob Emde, da Psiquiatria Infantil, que com seus 84 anos nos entusiasmava com seu saber e humildade.

Alcina Barros – Sócia do CELG, doutora pelo PPG da UFRGS

Visitar St. Louis foi certamente uma experiência única, que superou as expectativas de uma viagem acadêmica. Pudemos vivenciar a cidade e conhecer muito além dos pontos turísticos: a acolhida afetiva e cuidadosa do Prof. Cloninger e da sua equipe nos fez sentir especiais. As trocas com cada um bem como os momentos de diversão e de trabalho em grupo foram experiências enriquecedoras. Através delas, pudemos nos conectar uns com os outros, e perceber a importância do contato olhos nos olhos para que as parcerias sejam genuinamente construídas.

Pricilla Braga Laskoski – Editora da RBP do CELG e doutora pelo PPG da UFRGS e participante do GPPP

SOBRE DETETIVE MURDOCH E ALGUMAS QUESTÕES PARALELAS

Receber o convite deste jornal para comentar algum filme ou livro me obrigou a revisar o que andava fazendo fora atividades ligadas à Psicanálise. De início, confesso que tive um impacto, pois me deparei com uma realidade preocupante: pouco cinema e muito menos leituras do que gostaria. Pensei em desistir e aceitar o quanto não consigo dar conta dos livros e filmes que gostaria de ler e ver. Pode ser uma série, me disseram, acho que numa tentativa de abrir alguma possibilidade diante do meu ar consternado.

Mas fiquei relutante. Não se esperaria algo mais sério ou profundo? Não seria um atestado de estar rendida aos modismos do mundo atual? Se bem que, pensando melhor, séries não são um fenômeno novo em sua essência; são parentes muito próximos das novelas, claro que numa proporção exponencialmente aumentada, se desdobrando numa infinidade de opções, passando por zumbis, histórias de época, comédias, ficção científica, etc., etc. Como não podia deixar de ser no nosso mundo atual, uma quantidade de ofertas e informações impossíveis de serem acompanhadas e, muito menos, assimiladas.

O que me fez aceitar o desafio de escrever sobre minha série favorita do momento foi perceber quantas coisas fiquei pensando sobre o assunto, quantas questões me surgiram imediatamente. Para começar, a palavra "profundo" sempre me soou uma armadilha, um rótulo perigosos e superficial. O que é profundo e o que é superficial? Aliás, esta é uma pergunta que nos fazemos também no nosso trabalho diário. O que consideramos uma interpretação profunda? Muitas vezes, um pequeno comentário, simples, que toque em uma emoção singela, verdadeira, é um momento muito profundo.

Mas, voltando ao tema, me impulsionou também uma vontade de não ficar presa (na medida do possível, é claro) no medo de ser politicamente incorreta e ser o mais coerente (possível), e assumir. Sim, assisto a série, e – o mais grave –minha série favorita não tem nada de especial, inovador, desafiador: é "As aventuras do detetive Murdoch". Alguém já ouviu falar? Esbarrei com ela por acaso, sem recomendação, sem saber nada a respeito. O atrativo inicial foi a palavra "detetive", já que toca num tema que sempre me atraiu, as histórias de detetives, com tramas e mistérios a serem descobertos. Alguma semelhança com nosso trabalho diário? Não será esta uma das motivações que nos move? Descobrir as infinitas construções da nossa mente para dar conta das emoções que o mundo à nossa volta nos desperta, criando tramas misteriosas.

Mas o paradoxo é que esta busca incessante nos obriga a renunciar, a desvendar o mistério, a tolerar que ele sempre vai nos escapar. O consolo é o impacto que pode provocar, em nós e em nossos pacientes, o conhecimento de pequenas partes dessa engrenagem. E a riqueza que vem justamente desta constatação, de que sempre há algo inapreensível. Mas, até agora, nada sobre o detetive Murdoch. A história se passa em Toronto (sim, Toronto, um lugar pouco provável, não muito chamativo), no início do século XX, período cheio de inovações, os primeiros carros congestionando o trânsito das carruagens. Ao mesmo tempo em que o pano de fundo são situações daquele momento, é clara a intenção de mostrar o quanto estamos ainda às voltas com as mesmas questões: preconceitos de várias ordens, racismo, corrupção na polícia e na política, o impacto das novas tecnologias. Não que seja tudo igual, mas nos lembra que essas questões nunca estão plenamente resolvidas, precisando de atenção permanente.

Antigo e atual se mesclam numa espécie de atemporalidade, mesmo que a época em que se passa a história seja bem definida. Nada extremamente original, mas é apresentado com um toque de humor sutil; e é também uma sensação de que conhecemos histórias passadas mas presentes, numa temporalidade que mistura vários tempos no presente.

Nosso herói, o detetive Murdoch, é um típico herói: correto, honesto, que coloca a verdade acima de tudo, doa a quem doer. Seu instrumento de trabalho principal é o raciocínio lógico, e o apego às evidências e à ciência. Poderia ser um herói cartesiano puro, mas não: alguma coisa de intuição termina por escapar do funcionamento obsessivo. Na construção da personagem, Murdoch vai se revelando um ingênuo, romântico. A mente lógica é acompanhada por uma religiosidade cheia de contradições e inquietações, mas nada que o torne um daqueles heróis atormentados. As outras personagens são construídas de tal forma, que acabam tendo vida e história próprias.

A namorada, e depois esposa, é médica legista com incursões pela Psiquiatria, o que faz com que os aspectos emocionais estejam sempre sendo considerados. Ainda por cima, ela é linda, honesta, arrojada para a época, luta pelos direitos das mulheres e das minorias. Uma de suas ajudantes é homossexual, a outra é negra. Poderia parecer uma mocinha chata, tipo Poliana, mas não é assim; há uma sensibilidade e delicadeza que a livram desse perigo, e é ela quem dá um toque erótico ao nosso pudico detetive.

Mas não sei explicar o encanto que tenho com as aventuras do detetive Murdoch. Na verdade, não quero tentar explicar; só posso descrever um pouco do que parece acontecer quando assisto a uma pequena história que sei que vai acabar bem, que não me traz sobressaltos, e em que as ambivalências e as contradições existem, mas vão encontrar um rumo, e é do bem. Murdoch e seus companheiros sempre conseguem resolver os mistérios e encontrar o culpado. Talvez resida aí o encanto: o resgate de uma certa ingenuidade, de ilusões perdidas, de valores que cada vez encontramos menos à nossa volta, a certeza de que o bem vai vencer. Ao fundo, uma nostalgia pelos ideais iluministas perdidos. A razão não dá conta de nos civilizar num processo contínuo.

Mas Murdoch usa bem a razão; a fachada obsessiva não impede que se questione, aceite erros e persista sem desistir na busca das explicações. Sabemos que a vida não é assim, mas também sabemos que precisamos de espaços transicionais (onde não se deve questionar o que é realidade e o que é fantasia), uma zona de repouso. Quando me perguntam como eu posso perder 45 minutos com histórias tão previsíveis, nem tento responder. Nesse espaço transicional, aproveito, e tenho a satisfação, de observar um raciocínio lógico muito bem desenvolvido, mas que sempre precisa de uma intuição e de alguma pitada de acaso para se completar. Se a mente precisa de realidade (o que, no final das contas, nem é tão claro do que se trata), também precisa de áreas onde possa se "iludir", sonhar, inventar, sem que isso seja questionado. Onde o amor é generoso, onde há cuidado com o outro e, mais uma vez repito, o bem vence! Mas não esperem encontrar uma comédia romântica nesse seriado, nem se iludam com a ingenuidade aparente: há uma direção segura, inteligente, com um toque de humor e ironia sutis. Mas pode ser apenas a minha visão, não tenho a menor intenção de convencer alguém a assistir a esse seriado. A escolha é pessoal e intransferível; o único que é imprescindível é que cada um encontre sua zona de repouso e usufrua dela sem muitas justificativas.

Apenas porque é.

VIVIANE SPRINZ MONDRZAK
Psiquiatra e psicanalista da SPPA.

LA LA LAND, CANTANDO ESTAÇÕES

O aclamado filme de 2016, com doze indicações ao Oscar e vencedor de cinco (melhor atriz, melhor diretor, melhor trilha sonora original e melhor fotografia) ainda causa rechaço em alguns, em função da sua classificação como musical. O formato, muito comemorado entre as décadas de trinta e de sessenta, período considerado como "A época de ouro de Hollywood", parece ter caído num certo desgosto, apesar de títulos memoráveis terem sido produzidos nos anos subsequentes. Para aqueles que não se animam com esta forma, a cena inicial de *La La Land*, justamente pela irrupção de sequência musicada e coreografada imponente, pode causar verdadeira aversão. Porém, asseguro que mesmo aos mais descrentes prosseguir vale a pena. Afinal, reduzir esse filme a "um musical" é, para mim, desfazer-se de suas melhores qualidades.

A primeira delas é, a meu ver, o imenso impacto estético que causa. Com coloridas referências de figurino que remetem aos anos cinquenta e sessenta, somadas às locações de tirar fôlego que a cidade de Los Angeles oferece e a cuidadosos recursos de iluminação, *La La Land* causa, de cara, um encharcamento sensorial no campo visual. Além disso, os atores principais, a dupla cheia de química Ryan Gosling e Emma Stone, contribuem tanto com o quesito beleza quanto com suas capacidades empáticas, para ampliar a sensação deslumbramento a que o espectador é submetido. A questão estética, que aqui abrange algo além da forma, talvez seja um dos ingredientes que nos deixe completamente interessados na sequência de cenas. Pensando sobre o filme, lembrei-me muito de Donald Meltzer que, ao delinear o que concebeu como conflito estético, descreveu justamente o impacto do bebê ao deparar-se com a beleza do mundo. Como consequência, teria em si despertada a curiosidade e a vontade de desbravar este mundo (que é também o outro), ao mesmo tempo em que seria invadido pela tristeza de saber ser esta tarefa impossível. Imagino que algo disso seja revivido em cada um de nós ao assistir a *La La Land*. Afinal, os elementos visuais, aqui tão poderosos, somam-se a outros tão imponentes quanto, compondo as outras vertentes deste mesmo impacto estético: a música e a narrativa sentimental (tão delicada que nos torna imediatamente identificados com as personagens Mia e Sebastian).

A trilha musical é muito rica e proporciona uma viagem afetiva com referências que vão do jazz ao pop dos anos oitenta, passando por criações originais de beleza ímpar *(City of stars, Someone in the crowd e Mia & Sebastian's theme*). Assim, mobiliza sentimentos de entusiasmo, de algo entre o saudosismo e a melancolia (especialmente para aqueles que, como eu, viveram parte da

adolescência embalada por algumas das músicas escolhidas), de tristeza, de desamparo e até de riso inevitável. Nessa montanha-russa sentimental, impossível não lembrarmos nossas próprias vidas (a menos que não tenhamos tido a sorte de vivê-las verdadeiramente).

Há, por fim, o tom atemporal dos conflitos amorosos. Aqui, de novo, Ryan no papel de Sebastian e Emma como Mia nos pegam pela mão e, juntos, passeamos pela história de um amor (ou de todos?), sob o pano de fundo da sucessão das estações. A implicância, que como sabemos esconde justamente o desejo recalcado, vai dando lugar à paixão: o outro se torna, então, o centro do universo, e toda a libido possível é investida ali. Acontece que, em algum momento, toda paixão cede, determinando o declínio da era das idealizações. Aos poucos, outras necessidades batem à porta, decorrentes de realidades tanto externas quanto internas, e fazem com que a energia investida no outro possa ser colocada a serviço da satisfação de outros desejos. Nesse momento, na melhor das possibilidades, a paixão daria lugar ao amor, um sentimento mais realista, do ponto de vista de um olhar mais integrado sobre o outro. O que sobra então do outro, despido do verniz da idealização, tem de ser suficiente para manter o afeto, a vontade de prosseguir juntos, apesar dos pesares e das outras demandas da vida.

E então? Sem me comprometer com *spoilers*, digo que o resto são escolhas. E é justamente aí que vejo ser a maior beleza (ou qualidade) deste filme. As opções (conscientes e inconscientes) que tomamos na vida determinam tantos e tantos caminhos, que a cada uma delas, pode-se dizer, abrem-se as portas de uma vida diferente (ou, pelo menos, um pouco diferente). Ao nos darmos conta de que o nosso tempo é finito (não dá para escolhermos tudo) é que temos a possibilidade de nos direcionarmos da melhor forma possível. Não sem dor, é claro, pois tal movimento pressupõe um luto, principalmente pelo nosso narcisismo, e isto está longe de ser tarefa fácil. É especialmente nesse ponto que acredito que resida grande parte do trabalho psicanalítico e, porque não dizer, de sua natureza também estética. Quando nos damos a oportunidade de dividir com alguém as alegrias e as dores desta jornada, podemos nos desculparmos pelas escolhas nem tão bem feitas, mas também temos a chance de fazer outras mais sadias, conhecendo melhor nossas prioridades afetivas.

Como terapeuta, estar ao lado de outra pessoa ajudando-a a trilhar tal caminho é, ao mesmo tempo, um privilégio e um exercício de humildade diário. É viver, a cada dia, um pedaço de um musical interno, em que o outro (o paciente) é a personagem principal, que fica o tempo todo nos lembrando de que também somos nós mesmos, através da universalidade dos conflitos estético e edípico e da quebra do narcisismo (ao dar-se conta, por exemplo, da passagem das estações). Com sorte, neste encontro, a música será variada, a trilha sonora embalará lágrimas, mas também risos. E a companhia do outro mostrará que, apesar de tudo, como em *La La Land*, valerá a pena ter visto, ouvido e sentido.

CLARISSA MOMBACH

Médica formada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com residência em Psiquiatria pelo Hospital de Clínicas de Porto Alegre, especialista em psicoterapia de orientação analítica de adultos pelo Centro de Estudos Luís Guedes / HCPA e membro aspirante em seminários da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

DOENÇA **BIPOLAR**

Flavio Kapczinski abordará a doença bipolar na Jornada do CELG

Jornal do CELG: Como você descreve sua carreira como pesquisador?

Flavio Kapczinski: Eu tenho trabalhado na pesquisa de transtornos de humor nos últimos 20 anos. Meu foco particular tem sido o curso longitudinal do transtorno bipolar. Em suma, estamos tentando descobrir por que as pessoas com transtornos de humor crônicos se queixam de deficiências cognitivas e têm maior propensão para o desenvolvimento de demência.

Nosso grupo foi pioneiro no estudo de biomarcadores no sangue de pacientes com transtorno bipolar. Esse enfoque inovador se desenvolveu a partir de uma longa parceria minha com as Ciências Básicas da UFRGS. Fui bolsista de iniciação científica dos professores Aldo Bolten Lucion e Ivan Izquierdo. Mais tarde na minha carreira, consegui unir a clínica psiquiátrica com o que aprendi na bancada ainda nos meus anos de estudante na nossa FAMED. A partir dos estudos com biomarcadores, descobrimos a presença de estresse oxidativo e inflamação nesses pacientes. Esses achados sugerem algum tipo de toxicidade sistêmica durante um episódio de depressão – não apenas no transtorno bipolar, mas na depressão como um todo. Tendo isso em mente, conectamos as alterações em biomarcadores no sangue com alterações estruturais no hipocampo e no córtex pré-frontal. Então, juntamente com o grupo do Dr. Michael Berk, da Austrália, postulamos que ocorreria uma reorganização patológica cerebral em pessoas com transtornos de humor – denominamos esse conceito primeiramente de “brain rewiring” e depois de neuroprogressão. A neuroprogressão corresponderia a alterações no cérebro, na cognição e em sistemas do organismo na medida em que os transtornos do humor se tornam crônicos e recorrentes. Corresponderia à base biológica da deterioração que muitas vezes observamos em casos não tratados ou que já experienciaram um grande número de episódios de humor. Esse conceito remonta ao da postulado pela psicopatologia clássica, em que Joseph Guislain (1797-1860) já descrevia a demência vesânica, um declínio cognitivo que ocorre em pacientes com múltiplos episódios de depressão ou mania. Revisei esses conceitos com nosso colega Luis Guilherme Streb, que tem experiência com a história da Psiquiatria.

Mais recentemente, nosso grupo expandiu a pesquisa em biomarcadores para alterações em estrutura cerebral. Verificamos que a neuroprogressão tem como base um déficit na mielinização intracortical na região do córtex pré-frontal. Nossa hipótese é a de que a ativação imunológica periférica, que descrevemos anteriormente, leva à neuroinflamação, particularmente através da ativação da microglia e dos astrócitos, que afetam secundariamente a integridade dos oligodendrócitos. O resultado é a mielinização subótima de axônios e consequente prejuízo na transmissão de sinal entre diferentes sistemas cerebrais.

JC: Quais são as inovações recentes de seu laboratório?

FK: Estamos conectando nosso laboratório com a análise de imagens cerebrais. Nós também realizamos experimentos com culturas de células, as quais diferenciamos em neurônios; e observamos que a exposição destas células ao soro de pacientes com transtorno bipolar causa diminuição nos prolongamentos neuronais. Algum tipo de fator inflamatório tóxico, que ainda não identificamos com precisão, altera essas culturas neuronais. As pessoas associam a depressão com o sentimento de tristeza, mas geralmente ela não é considerada como algo prejudicial ou tóxico. Essa linha de pensamento sugere que os transtornos do humor têm um forte componente imune. No momento, seguimos investigando as possíveis bases moleculares associadas à toxicidade sistêmica e à neuroprogressão no transtorno bipolar.

JC: Como você gerencia um laboratório que utiliza técnicas tão diversas?

FK: O que tentamos fazer é desconstruir os limites. Eu costumo trabalhar com grupos que envolvem ciência básica e clínica. Meus alunos e colaboradores se tornam especialistas em transtornos de humor, trazendo diferentes componentes para abordar nossas questões de pesquisa.

JC: Segundo o Web of Science, você é o segundo cientista brasileiro mais citado nos últimos cinco anos. Quais são os conselhos para uma carreira produtiva em ciência?

FK: Eu vejo a ciência moderna como uma criação coletiva. Se fosse uma arte, seria como o cinema. O diretor de cinema é um elemento-chave para o sucesso da produção. Mas são necessários também bons atores, boa fotografia, engenheiros de som…O resultado final é o fruto do trabalho de uma equipe e da capacidade humana de criar. Sou um admirador do trabalho de Karl Popper, que vê na elaboração de teorias científicas um forte componente de intuição e criatividade. Observando o declínio funcional e cognitivo de pacientes bipolares com múltiplos episódios, criamos o conceito de neuroprogressão. De uma certa forma, para termos lentes melhores para perscrutar esse fenômeno clínico, precisamos criar um novo conceito, que então permite um novo olhar.